

# PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JANEIRO - JUNHO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 17

ISSN: 2176 - 5960

## HIPÓTESE E VERDADE NA DIALÉTICA PLATÔNICA DA MATURIDADE

**Irley F. Franco e Remo Mannarino Filho – PUC - RIO**

**RESUMO:** Em *República* 509d-511e, Platão faz, pela primeira vez, uma exposição teórica completa do procedimento dialético. Nunca antes a dialética havia sido tratada como tema; em todas as demais ocasiões — quando é refutação (*élenchos*), nos diálogos socráticos, ou método hipotético, em *Mênon* e *Fédon*, diálogos anteriores à *República* em que há a menção da hipótese em conexão com o procedimento metodológico— seus passos são apenas exemplificados; aqui, entretanto, ela é questão; ela é o objeto central da discussão, e Sócrates estará empenhado em esclarecer todas as suas etapas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Platão. Hipótese. Verdade. Dialética.

**SUMMARY:** In Republic 509d-511E, Plato offers, for the first time, a complete theoretical exposition of dialectical procedure. Never before has the dialectic had been treated as subject; in all other occasions -when is refutation (*élenchos*) in Socratic dialogues, or hypothetical method in Meno and Phaedo, the Republic previous dialogues in which there is mention of the case in connection with the procedure metodológico- its steps are only exemplified; here, however, it is the main question, it is the central object of discussion, and Socrates is committed to clarify all steps of it.

**KEYWORDS:** Plato. Hypothesis. Truth. Dialectic.

Em *República* 509d-511e, —passagem extremamente famosa dos diálogos da maturidade, mais conhecida por passagem da Linha Dividida<sup>1</sup> — Platão faz, pela primeira vez, uma exposição teórica completa do procedimento dialético —que, desde o *Mênon*, graças à introdução da noção de *hypóthesis*, passou a ser também denominado de “método hipotético”.<sup>2</sup> Nunca antes a dialética havia sido tratada como tema; em todas as demais ocasiões —quando é refutação (*élenchos*), nos diálogos socráticos, ou método hipotético, em *Mênon* e *Fédon*, diálogos anteriores à *República* em que há a menção da hipótese em conexão com o procedimento metodológico— seus passos são apenas exemplificados; aqui, entretanto, ela é questão; ela é o objeto central da discussão, e Sócrates estará empenhado em esclarecer todas as suas etapas.

É sob a forma de método hipotético que a dialética tentará cumprir a grande promessa da filosofia da maturidade, i.e. a de, através de seu exercício, conduzir o filósofo à Verdade; ao fim e ao cabo aquele que for bem sucedido no percurso de suas etapas verá o Bem ele mesmo, e essa visão, como se sabe, irá garantir uma apreensão absoluta do conhecimento. A passagem é, portanto, de suma importância para a compreensão da filosofia platônica da maturidade e nós a analisamos aqui com o propósito de avaliar as relações entre um método assumidamente hipotético e a ambiciosa epistemologia que é em geral atribuída ao Platão dessa fase.

Só ficamos sabendo que o Bem (*tó agathón*) é o objeto mais alto da dialética das hipóteses um pouco mais adiante na *República*, mais precisamente ao final do livro VII, em trecho considerado igualmente importante para a sua compreensão (531d-534e). Nele, Sócrates, lembrando a passagem da Linha Dividida, dirá que o objetivo final da dialética, aqui —insistimos— ainda concebida como ciência que procede através de hipóteses, é a visão do Bem, o último estágio, portanto, da subida da Caverna (514a1-518b5) — alegoria apresentada imediatamente antes e que repete e complementa em

---

<sup>1</sup> São tão numerosos os comentários já feitos a essa passagem que Yvon LaFrance publicou dois volumes dedicados à história de suas interpretações, um em 1984, outro em 1994. Ambos os volumes sob o título de *Pour interpréter Platon. La Ligne en République VI, 509d-511e. Le texte et son histoire*.

<sup>2</sup> No *Mênon*, o método hipotético é apenas exemplificado, com a única observação de que a hipótese é uma asserção provisória (86e-87b). No *Fédon*, há uma rápida discussão em torno do conceito de hipótese (99c-d), que aí é também associado ao método dialético, mas o procedimento hipotético é considerado apenas uma “segunda navegação” (*deuteros plous*), enquanto que na *República* ele é o método por excelência.

outro estilo<sup>3</sup> o conteúdo do famoso diagrama. A intenção de Sócrates, no trecho em questão, conforme ele próprio afirma em 533a, não é fazer uma exposição exaustiva do método hipotético, embora ainda assim possamos daí extrair alguns dos principais traços que marcam a dialética da maturidade: (1) ela é um processo baseado em conversação;<sup>4</sup> (2) é crítica com relação às suas próprias hipóteses, as quais ela destrói e relaciona com um primeiro princípio (533c); (3) ela tenta apreender o que cada coisa é em si mesma (533b); e (4) seu cume é o conhecimento coerente (537c) e a apreensão da forma do Bem (532a-b; 534b-c).

É com base nessas duas passagens que apresentamos aqui uma análise crítica do método hipotético, a fim de especular sobre seus pressupostos e consequências filosóficas, focando especialmente o problema de sua compatibilidade com as altas ambições epistemológicas dos diálogos da maturidade. Muitos autores da tradição interpretativa viram na epistemologia da *República* a proposição de uma filosofia dogmática. Mais recentemente, além do mais, houve quem supusesse que o pensamento de Platão tivesse um caráter positivista. A estes, Brunschvicg dirige a seguinte crítica: “a distinção entre ciência e filosofia é tão rigorosa na República quanto o será mais tarde no positivismo; mas as consequências que Platão tira dela são inversas às do positivismo: é a filosofia que é autônoma, e não a ciência”.<sup>5</sup> A crítica de Brunschvicg remete-nos a uma observação de Sexto Empírico, fonte central do ceticismo antigo, na abertura de suas *Hipotiposes Pirrônicas* (I, 1):

O resultado natural de qualquer investigação é que aquele que investiga ou bem encontra o objeto de sua busca, ou bem nega que seja encontrável e confessa ser ele inapreensível, ou ainda, persiste na

<sup>3</sup> 517a8-c5A: “Essa imagem” —i.e. o símile da Caverna— “deves aplicar a tudo o que foi dito anteriormente” — referindo-se ao diagrama da Linha.

<sup>4</sup> A forma que Platão provavelmente considerava suprema para a realização da dialética era o dialogar. Disso Platão estava tão absolutamente certo, como disse Robinson, que derivou o nome dialética desse fato: o termo vem do grego *διαλέγεσθαι* (*dialégesthai*), infinitivo presente médio-passivo do verbo *διαλέγω* (*dialégo*), que significa “conversar”. Trata-se portanto de um método de exame crítico inteiramente verbal, exclusivamente baseado no “lógos”, e portanto de um método racional. As palavras são a base de nossas afirmações e negações, diz o *Teeteto* (165a). “O dialético usa as palavras como o tocador de lira usa a lira”, diz o *Crátilo* (390). “A dialética é a educação que os torna capazes de perguntar e responder mais cientificamente” (*República* 534d); podemos dar um *lógos* à realidade através de perguntas e respostas (*Fédon*, 78d), e definir as ideias como todas aquelas coisas sobre as quais selamos o “o que é em si” (*tó autò hó estí*, *Fédon* 75d). Se ninguém deseja responder, a dialética não ocorre (*Eutífron* 275c), a menos que o mesmo homem possa representar as duas partes ao mesmo tempo (*Górgias* 506c-507c).

<sup>5</sup> Léon Brunschvicg, *Les étapes de la philosophie mathématique*, Paris: F. Alcan, 1922, p. 55.

sua busca. O mesmo ocorre com os objetos investigados pela filosofia, e é provavelmente por isso que alguns afirmaram ter descoberto a verdade, outros, que a verdade não pode ser apreendida, enquanto outros continuam buscando. Aqueles que afirmam ter descoberto a verdade são os “dogmáticos”, assim são chamados especialmente Aristóteles, por exemplo, Epicuro, os estoicos e alguns outros. Clitômaco, Carnéades e outros acadêmicos consideram a verdade inapreensível, e os céticos continuam buscando. Portanto, parece razoável manter que há três tipos de filosofia: a dogmática, a acadêmica e a cética.<sup>6</sup>

É interessante notar, a partir dessa passagem, que a posição, segundo a qual a verdade é inapreensível, associada, no trecho acima, aos “acadêmicos”, não seria propriamente cética, mas sim uma espécie de “dogmatismo negativo”, já que se afasta da noção de suspensão do juízo (*epoché*), atitude característica dos céticos gregos, e afirma categoricamente a impossibilidade do conhecimento. Segundo essa mesma classificação, pretensamente exaustiva, resta claro que Platão não se encaixaria nem na categoria dos “dogmáticos” e nem tampouco na dos “acadêmicos”. E, no entanto, não seria exato classificá-lo como um “cético”, uma vez que acredita na possibilidade do conhecimento — à diferença dos céticos que nela nem acreditam nem desacreditam— e nos oferece um método para alcançá-lo. Parece-nos, portanto, que devemos acrescentar à classificação de Sexto um novo tipo de filósofo, o hipotético, aquele que trata suas próprias teses como hipóteses e as examina visando a transformá-las em não hipóteses.

### **O Conceito de ὑπόθεσις**

Em português, o termo "hipótese" é sinônimo de "conjetura" ou "suposição". De fato, a palavra grega ὑπόθεσις pode ser traduzida por quaisquer destes termos. Uma ὑπόθεσις, entretanto, não significa uma conjetura ou suposição qualquer: o termo não possui em grego a mesma abrangência que em nossa língua. Em português podemos hipotetizar, supor, ou conjeturar qualquer coisa – o impossível, o inacreditável, o absurdo; podemos transformar o que sonhamos ou desejamos, ou o que quer que nos venha à cabeça, numa hipótese, suposição ou conjetura. Mas, quando dizemos ὑπόθεσις ou ὑποτίθεμαι, no sentido platônico, estamos dentro de um campo semântico mais estreito.

---

<sup>6</sup> Sexto Empírico: *Hipotiposes Pirrônicas*, livro I, 1. Tradução de Danilo Marcondes, em *O que nos faz pensar*, n.12, setembro de 1997.

Vamos acompanhar a interessante análise que Richard Robinson faz desse termo<sup>7</sup>. ὑπόθεσις é um termo composto (ὑπό + θέσις), proveniente de um verbo igualmente composto: ὑποτίθεμι ou ὑποτίθεμαι. Robinson começa o seu exame a partir do verbo simples τίθεμι, que dá origem ao composto ὑποτίθεμαι. Segundo ele, através do verbo simples, a análise do substantivo é facilitada, e logo veremos por quê.

Platão usa τίθεμι no sentido de "afirmar" ou "pôr uma proposição". Robinson lista sete ocorrências do verbo neste sentido<sup>8</sup> nas vinte e oito páginas da *República I* (uma em 331a; duas em 334e; duas em 340a-b; e, por fim, uma em 352d), e cita quatro casos de termos compostos a partir do radical τίθεμι usados para significar um tipo especial de afirmação ainda na *República* (334e, 345b, 346b, 352d), cujos sentidos deslizam facilmente para as noções de "julgar" e "opinar". Essa breve coleção mostra que τίθεμι é usado no sentido de "afirmar", mas de uma maneira particular: nem uma afirmação aleatória ou irresponsável, por um lado, e nem tampouco uma asserção peremptória, que não admita a possibilidade de falsidade. O propósito mesmo do empreendimento é o de julgar e compreender a proposição apresentada<sup>9</sup>. Nas palavras de Robinson:

A palavra não abrange crenças que sustentamos sem saber como chegamos a sustentá-las, ou as quais jamais concebemos a nós mesmos sustentando. Ela não abrange nem a aceitação inquestionada e naïve, nem a mera admissão de que A é B, quando não se trata aí absolutamente de um pensamento mas de um comportar-se como se se pensasse que A fosse B. "Pôr uma proposição" refere-se apenas àquele tipo de crença no qual deliberadamente e conscientemente adotamos uma proposição sabendo que finalmente ela poderá ser falsa. "Pôr uma proposição" envolve todas as obscuridades da parte desempenhada pela vontade de julgamento ou pela interseção da vontade e da compreensão.<sup>10</sup>

O que se "põe", portanto, é sempre tentativo e provisório, e é algo em que reconhecemos essa provisoriedade. Robinson analisa quatro compostos de τίθεμι, προτίθεμαι, μετατίθεμαι, ἀνατίθεμαι e ὑπότιθεμαι<sup>11</sup>. De todos estes, ὑποτίθεμαι é o que tem o sentido mais próximo de τίθεμι, pois enquanto ἀνατίθεμαι nega o sentido do verbo original e μετατίθεμαι e προτίθεμαι adicionam alguma nova característica ao

<sup>7</sup> Richard Robinson, 1953, p.93 ss.

<sup>8</sup> *Id. ibid.*, p.93.

<sup>9</sup> *Id. ibid.*, p.93-94.

<sup>10</sup> *Id. ibid.*, p.94.

<sup>11</sup> *Id. ibid.*, p.94-95.

verbo original, ὑποτίθεμαι, ao contrário, concorda no sentido de ser o pôr uma proposição em nome de uma ação futura. Segundo Robinson, τίθημι e ὑποτίθεμαι diferem apenas no seguinte: τίθημι significa o pôr uma proposição que foi concluída de um processo de raciocínio, enquanto ὑποτίθεμαι é apenas um "pôr" que antecede o raciocínio<sup>12</sup>; é um princípio de raciocínio de onde se deduzirão outras proposições<sup>13</sup>.

Hipotetizar aparece também em proposições precedidas por raciocínio. Esse é o caso quando o hipotetizado é uma definição. Contudo, segundo Robinson, embora o sentido do hipotetizar como pôr algo que não é precedido por raciocínio não seja, por esse motivo, cristalizado ou estável, ele prevalece nos diálogos, onde abundam exemplos desse tipo, contrariando, portanto, a posição de *scholars* como Archer-Hind, em sua edição do *Fédon*, que sugeriram que a hipótese é sempre uma definição<sup>14</sup>.

Do mesmo modo, segundo Robinson, tampouco as hipóteses são sempre afirmações existenciais, como supuseram muitos<sup>15</sup>.

Voltando então ao método hipotético, suas características se deduzem do sentido mesmo do termo hipótese, o qual, por sua vez, se apreendeu do sentido do verbo hipotetizar: (1) o método hipotético implica adotar determinado juízo de maneira deliberada e razoável, e não resvalar nelas inconscientemente; essa adoção provisória é uma passo necessário – é, digamos assim, mais importante do que suspender o juízo, um aspecto que, como mostra Robinson, parece ser inerente à dialética; (2) é um método que explora implicações necessárias, e que retira as consequências de uma determinada hipótese; é portanto um método de dedução – por oposição não à indução, mas sim à intuição (*cf.* por exemplo *Hippias Menor* 369d); (3) envolve prestar atenção às proposições formadas a partir da primeira hipótese, a fim de evitar as contradições

---

<sup>12</sup> Raramente, como observa Robinson (*ibid.*, p.97), Platão propõe hipotetizar algo que já se sabe de antemão ser falso. O hipotetizar jamais é concebido por ele como uma simulação. O exemplo mais extremo que encontramos nos diálogos aparece no *Sofista* (246d): "hipotetizando que eles queiram nos responder mais cordialmente do que estão respondendo agora." Robinson acrescenta que embora possamos acreditar que haja um exemplo mais radical no *Parmênides* (136a), onde Platão usa hipotetizar para se referir à tese que Zenão defende em favor de Parmênides ("a hipótese, se o múltiplo é") quando estava convencido de que o múltiplo não é, Zenão estava discutindo com pessoas que acreditavam que o múltiplo é e a proposição é chamada de hipótese nesse sentido. No que diz respeito à farsa socrática no *élenchos*, onde Sócrates examina teses para refutá-las, Robinson diz que trata-se aí apenas de ironia e não de verdadeiras hipóteses.

<sup>13</sup> *Id. ibid.*, p.96.

<sup>14</sup> *Id. ibid.*, p.100 *et passim*.

<sup>15</sup> *Id. ibid.*, p.100.

diretas e indiretas (*Górgias*, 482b-c; *Fédon*, 100a); e (4) consiste em tomar as opiniões provisoriamente e não dogmaticamente.

Como podemos observar, as hipóteses não se definem pelo tipo de conteúdo contido na proposição, mas na atitude envolvida na adoção de qualquer proposição como hipótese, a saber, de que ela é apenas um ponto de partida ou de apoio na investigação: “Mais do que suspender o juízo, devemos ter sempre em mente que as opiniões podem ser falsas e estarmos sempre prontos para abandoná-las, se a coerência assim exigir”.<sup>16</sup>

Ainda com respeito a essa última característica, Platão faz referências ainda em outros lugares:

*República*, 388e: “Nós temos que ser persuadidos pelo argumento até que alguém nos persuade com um outro melhor”.

*Idem* 437a: “Contudo, disse eu, para que não sejamos forçados a nos estender sobre todas essas objeções, e para nos certificarmos de que elas não são inverossímeis, vamos hipotetizar que é assim, e seguir em frente, concordando que se elas, em algum momento, mostrarem ser contraditórias, todas as inferências que delas tiramos ficarão canceladas”.

Esse caráter provisório envolve uma disposição para reconsiderar todas as hipóteses e deduções sempre que necessário, e envolve também que o sujeito tenha essa intenção, quer dizer, que ele se comprometa com futuras reconsiderações:

*Fédon*, 107b: “[...] as primeiras hipóteses, ainda que você tenha confiança nelas, devem ser examinadas mais claramente.”

E no *Crátilo* (428d):

Meu caro Crátilo, também eu, há muito tempo, me espanto com o meu saber, e dele desconfio. Parece-me que devo reconsiderar o que acabo de dizer. Pois, ser enganado por si mesmo é a pior coisa que pode acontecer a alguém, uma vez que o que engana nunca se afasta de você, mas está sempre presente. É preciso, com certeza, voltar frequentemente ao que se disse antes, e tentar, como diz o grande poeta, olhar o que está atrás e na frente ao mesmo tempo.

---

<sup>16</sup> *Id. ibid.*, p.107.

## **Epistemologia e Metodologia Platônicas nos diálogos da maturidade: uma Incompatibilidade?**

Depois de sua análise do termo, e das implicações que o sentido dessa palavra têm na metodologia platônica, Robinson chega à conclusão de que há uma incompatibilidade entre a metodologia e a epistemologia dos diálogos da maturidade. Esse é o ponto em que nos afastamos da sua interpretação. Vejamos em que termos.

Voltando à nossa passagem da *República*, aí, embora o conceito de *ὑπόθεσις* mantenha o caráter provisório, o método hipotético é, entretanto, apresentado como aquele que conduz a um princípio não-hipotético.

Vamos resumir os pontos que nos interessam na passagem: Platão contrasta a atividade intelectual dos filósofos - *νόησις* - com a dos matemáticos - *διάνοια*-, identificando a relação entre ambas com a relação entre *ἐπιστήμη* e *δόξα* e, portanto, com a relação entre ver uma coisa diretamente e ver uma coisa indiretamente, quer dizer, através do seu reflexo (imagem) ou de sua sombra. Os matemáticos (a) tratam as coisas sensíveis como imagens dos seus próprios objetos, sabendo que são imagens e não a realidade desses objetos; (b) partem de hipóteses; (c) mas tratam suas hipóteses não como hipóteses, mas como princípios; (d) porque consideram desnecessário explicá-las para si próprios ou para os outros baseados no fato de que elas são evidentes para todo mundo; (e) e levam suas hipóteses em direção não ao princípio, mas a uma conclusão. A *νόησις*, por oposição à *διάνοια* (a) parte de hipóteses; (b) e trata suas hipóteses como verdadeiras hipóteses, isto é, como pontos de apoio; (c) em direção ao princípio não-hipotético (*ἀρχήν ἀνυπόθετον*); e (d) dispensa imagens, mas percorre o seu caminho através das próprias ideias.

À parte as polêmicas que a passagem da Linha Dividida já suscitou<sup>17</sup>, e não querendo entrar aqui no mérito de tais polêmicas, há o fato de Platão parecer estar aí

---

<sup>17</sup> A passagem da Linha Dividida é uma das mais controvertidas e comentadas de Platão. Dela, um crítico chegou mesmo a afirmar que nos últimos setenta-e-cinco anos só houve desacordo em torno das opiniões dos estudiosos. O principal problema, a *crux* da passagem é saber se Platão ao hierarquizar ordens de realidade estaria também fazendo uma distinção ontológica entre os seus objetos. A passagem sugere que os modos de apreensão da realidade são determinados pelo grau de inteligibilidade dos objetos que lhes correspondem. No que diz respeito à região do visível, Platão chega a enumerar esses objetos e a dizer de que modo estes se distinguem, uns são verdadeiramente, os outros não. Essa primeira parte da Linha, portanto, não chega ser problemática. O problema surge quando Platão divide a região do inteligível. A

afirmando duas coisas contraditórias: (1) que o método hipotético é meramente tentativo, e (2) que ele propicia um acesso a uma certeza absoluta.

A proposição (2) – que é, na verdade, o único elemento novo na concepção platônica de método hipotético, se comparada às descrições expostas no *Fédon* e no *Menon* – é seguramente controversa e admite mais de uma interpretação. Uma leitura possível é a de que não se afirma aí uma garantia de acesso à certeza a partir do método hipotético, mas que, se há um procedimento capaz de atingi-la, ele não procede dogmaticamente, como o dos matemáticos.

Vamos tentar examinar o que, para Platão, fundamentalmente caracteriza o método dianoético, isto é, o procedimento dos matemáticos. Conforme observou Suzanne Mansion, duas características desse procedimento aparecem quatro vezes citadas em conjunto (510b, 510c-e, 511a, cf. 511b-d), como se Platão quisesse dar a impressão de que elas estão ligadas entre si: (1) os matemáticos partem de hipóteses que eles próprios não esclarecem; e (2) a alma é forçada a estudá-las com o auxílio de imagens<sup>18</sup>.

A primeira questão deve ser feita em relação a (2). Independentemente do estatuto ontológico que os objetos matemáticos possam ter no domínio do inteligível, eles não são coisas sensíveis. Tal fato, Platão o reconhece em 510d-e. Entretanto, os matemáticos, embora tenham consciência de que seus objetos não são sensíveis, precisam de imagens para fazer com que seus raciocínios progredam. Em que sentido essas imagens são necessárias? O texto não oferece indicações suficientes para que se responda com segurança essa questão, mas é provável, como observou Suzanne

---

passagem sugere que se aplique ao inteligível o mesmo princípio de divisão do visível, mas em lugar algum Platão menciona que as matemáticas tenham um objeto próprio. Ao contrário, nesta e em diversas outras passagens, Platão sugere que os objetos matemáticos não são distintos dos objetos da dialética. Essa questão da existência dos objetos matemáticos levou a crítica a se dividir em dois extremos: (1) os que sustentam que os objetos da *διάνοια* são intermediários entre as coisas visíveis e as idéias e que, portanto, diferenciam ontologicamente os objetos das duas seções do inteligível. Estes são seguidores de Aristóteles que afirma na *Metafísica* (987b 14-18) que Platão sustentava uma teoria dos intermediários; e (2) os que negam que os objetos da *διάνοια* e que portanto indiferenciam os objetos das seções do inteligível. Dentre os partidários de (1) Aristóteles, Syrianus, Proclus, James Adam (em sua tradução da *República*), Suzanne Mansion, E. Zeller e H. Bonitz. Dentre os que defendem (2) H. Cherniss (que radicalmente nega que Platão tenha sustentado qualquer teoria de intermediários em *The Riddle of the early Academy*), Henry Jackson, David Ross, F.M. Cornford, R. Robinson, Émile de Strycker, Cook-Wilson e Ernest Hoffmann. Posições intermediárias entre (1) e (2) podem ser encontradas em A. Wedberg, I.M. Crombie, L. Robin e J.A. Brentlinger.

<sup>18</sup> "L'objet des mathématiques et l'objet de la dialectique selon Platon", *Revue Philosophique de Louvain*, maio, 1969, p.367.

Mansion<sup>19</sup>, que Platão estivesse se referindo àquilo que os geômetras chamam de “construção”, isto é, linhas, ângulos, pontos etc., que são acrescentadas à figura que foi tomada como ponto de partida da demonstração. Nesse caso, o papel da figura não seria só o de ajudar o trabalho da razão por meio da imaginação; as imagens desenhadas desempenham um papel na própria demonstração, não na condição de objetos materiais individuais, mas como representações dos verdadeiros objetos da geometria: o quadrado em si, a diagonal em si etc. E, nesse sentido, elas são indispensáveis à demonstração. Sem a construção adequada, o geômetra não encontra a solução dos seus problemas. O mesmo se aplica à aritmética teórica, visto que na época de Platão suas demonstrações eram feitas através do recurso a demonstrações geométricas<sup>20</sup>.

Isso significa que, no procedimento dianoético, nem as ultrapassagens das etapas demonstradas, nem o resultado da demonstração são intuídos das próprias premissas, mas vêm com o auxílio de algo externo a elas. Aqui, a explicação de Suzanne Mansion é bastante esclarecedora:

Há uma maneira, raramente duas ou mais, de se proceder para chegar à conclusão de uma demonstração matemática. E mesmo quando a conclusão é estabelecida com certeza, quando se diz que ela resulta das premissas, nós não a vemos. Exceto nos casos muito simples, há sempre uma obscuridade no processo racional. Sem dúvida, nós temos a certeza do resultado, e nós sabemos por que o estabelecemos, mas esse resultado não é intuído dentro das premissas, mesmo depois que a demonstração foi feita. O geômetra que demonstrou, através de uma construção simples, que a soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos, sabe que essa proposição é verdadeira. Ele sabe que a propriedade decorre como necessidade da essência do triângulo, que ela se funda na definição do triângulo, e, entretanto, ele não tem a intuição dessa propriedade, porque não foi a reflexão da noção de triângulo que revelou a ele essa propriedade, mas a descoberta de um procedimento para provar que ela pertence ao triângulo. Se há intuição na geometria, ela é sensível, e serve para sugerir os teoremas a serem demonstrados, ou o modo de proceder para chegar à demonstração, mas essa intuição é estranha à demonstração propriamente dita.

Com relação a (1), não é razoável interpretá-la como uma crítica aos matemáticos, como se Platão achasse que eles pecam por não examinar suas crenças. É sabido que as ciências matemáticas partem de axiomas, postulados e definições. O que Platão certamente está querendo dizer é que as ciências matemáticas são limitadas, e que é possível penetrar mais na inteligência de suas hipóteses – o que não significa que as matemáticas devessem mudar o seu procedimento e investir num outro tipo de

<sup>19</sup> *Ibid.*, p.369.

<sup>20</sup> *Cf.* Thomas Heath, 1965, vol. 1, p.170 *ss.*

abordagem dos seus objetos. Justamente, é em contraste com o procedimento matemático que Platão justifica o espaço da dialética. Os matemáticos não têm clareza acerca de seus pontos de partida, quer dizer, eles demonstram com solidez o que pretendem demonstrar sem, entretanto, conhecer a natureza daquilo em que baseiam as suas demonstrações. O procedimento dialético, ao contrário, quer saber o que cada coisa é, e é por isso que ele trata suas hipóteses como verdadeiras hipóteses, como suposições que devem ser exaustivamente testadas antes de tidas como aceitas. Eis a razão por que, se algum método pode conduzir à ciência, esse método só pode ser o dialético.

Não parece ser outro o sentido de 533b-d, já anteriormente aludido, onde nos é dito que, embora as matemáticas estejam de algum modo ligadas à realidade, da realidade mesmo elas apenas têm sonhos, e desses sonhos elas jamais poderão acordar, enquanto suas hipóteses permanecerem imperturbadas e não puderem ser explicadas, "pois se seus pontos de partida são desconhecidos, suas conclusões e passos intermediários são feitos também através de coisas desconhecidas, que possibilidade haverá de que a consistência resultante venha de algum modo transformar-se em ciência?" (533c).

### **Considerações finais**

É possível, e mesmo plausível, interpretar o método hipotético como sendo o procedimento investigativo mais apropriado para alcançar o verdadeiro conhecimento, pois “*é o único que rejeitando sucessivamente as hipóteses pode atingir o princípio, o não-hipotético, assegurando assim solidamente suas conclusões*” (República 533c-d). Em geral, diz Platão ainda (*idem*, 533b), as outras artes (*téchnai*), que não a dialética, “*só se ocupam das opiniões e do desejo dos homens, e só se desenvolvem tendo em vista a produção e a fabricação de produtos naturais ou artificiais*”. Outras ainda, como a geometria e as que dela derivam (aritmética, astronomia, estereometria e harmonia), embora obrigatoriamente precedam o estudo da dialética, atingem o ser apenas parcialmente e são impotentes para ver com total clareza, uma vez que não conseguem dar *logos* às suas próprias hipóteses.

Não é de estranhar, portanto, que um certo “ceticismo” seja parte constitutiva da dialética das hipóteses – um procedimento que, ao contrário de ser incompatível com as altas ambições epistemológicas do Platão da maturidade, mostra-se, justamente por seu caráter tentativo e exploratório, o mais adequado para a busca de certezas. Ao pôr em

discussão ideias e questões, antes de fixá-las como verdades estabelecidas, a dialética platônica funciona como um antídoto para o dogmatismo.

As próprias ideias podem ter sido, para Platão, hipóteses, conforme observou Harold Cherniss, querendo contestar a principal objeção de Aristóteles à teoria das ideias, na *Metafísica*, a saber, a de que elas meramente duplicariam a quantidade de coisas a serem explicadas:

As complicações dos movimentos planetários tinham de ser explicadas, afirmava Platão, através da hipótese de um número definido de movimentos fixos e regulares que pudesse “salvar os fenômenos”. A mesma atitude é expressa no Fédon, onde Sócrates explica o método de “hipóteses”, que ele usava para justificar o mundo aparentemente desordenado dos fenômenos; o resultado desse método, diz ele, foi a Teoria das Ideias.<sup>21</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES, *Metafísica*. Trd. Hugh Tredennick. Harvard: Loeb, 1933.
- BRUNSCHVICG, L. *Les étapes de la philosophie mathématique*, Paris: F. Alcan, 1922.
- BURNET, J. (ed.). *Platonis Opera*. Oxford: Clarendon Press, 1902.
- CHERNISS. A Economia Filosófica da Teoria das Ideias. Trad. Irley Franco. IN: O que nos faz pensar, n.2, janeiro de 1990, p. 109-118.
- FRANCO, I. Existe uma teoria das ideias *stricto sensu* nos diálogos de Platão? IN: *Sképsis*, nº 10, 2014.
- GRONDRIN, J. *L' alétheia* entre Platon et Heidegger. IN: *Révue de Metaphysique et de Morale*, n.4, 1982.
- HEATH, T. *A History of Greek Mathematics, vol. 1* [1921]. Londres: Dover, 1965.
- MANSION, S. L'objet des mathématiques et l'objet de la dialectique selon Platon. IN: *Révue Philosophique de Louvain*, maio, 1969.
- ROBINSON, R. *Plato's early dialectic*. Oxford: Oxford University Press, 1953.

---

<sup>21</sup> “A Economia Filosófica da Teoria das Ideias”, em *O que nos faz pensar*, n.2, janeiro de 1990, pp. 109-118. Tradução de Irley Franco. É claro que Cherniss, crente como é na existência de uma “teoria das ideias” na obra de Platão, usa essa expressão, talvez indevidamente, pois em lugar algum da obra de Platão encontramos a expressão “teoria das ideias”. Como observou Jean Grondrin (em “L' alétheia entre Platon et Heidegger”, *Révue de Metaphysique et de Morale*, n.4, 1982), somente a *Carta VI*, que é pseudo-platônica, faz menção a uma *sophia ton eidon*. A esse respeito, ver Irley Franco, “Existe uma teoria das ideias *stricto sensu* nos diálogos de Platão?”, em *Sképsis*, Ano VII, nº 10, 2014, Salvador.

SEXTO EMPÍRICO. *Hipotiposes Pirrônicas*, livro I, 1. Tradução de Danilo Marcondes,  
IN: *O que nos faz pensar*, n.12, setembro de 1997.